



TIPOLOGIA CONEXIVA PROGRESSIVAMENTE CONTEXTUALIZADA DE INTERAÇÕES PESSOAS - ANIMAIS EM UMA FEIRA NORDESTINA

Samadhi Gil C. Pimentel

Leonardo S. Santa Rosa Macêdo; Marina Lordelo Carneiro

Universidade Estadual de Feira de Santana, Grupo de Estudos e Pesquisas em Ecologia & Cultura. Feira de Santana, BA. samadhigil@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A hipótese da biofilia afirma que a espécie humana tem permanente necessidade de se relacionar real ou putativamente com outros seres vivos (Kellert & Wilson, 1993). Neste contexto de múltiplas interações entre seres humanos e ambiente, a Etnoecologia é uma abordagem que estuda conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre os elementos dos ecossistemas e as populações humanas, bem como os impactos ambientais daí decorrentes (Marques, 2001). Vale ressaltar que tais interações, inclusive entre seres humanos / animais, têm continuidade mesmo nos centros urbanos, os quais são interpretados como ecossistemas heterotróficos, cuja característica básica é a dependência de intensa entrada de energia e matéria (Odum, 1985), onde Schutkowski (2006) salienta que as propriedades bioculturais da humanidade são componentes significativos. A existência de demandas urbanas por recursos da fauna silvestre tem registros de ocorrência em diversos lugares do mundo. Em Feira de Santana, essa demanda data de pelo menos a década de 1960. Nos dias atuais, sabe-se que esses recursos são comercializados semanalmente, compondo um pulso trófico, numa feira popular da cidade (Marques, 2008). A existência da atividade de caça, contudo, é apontada como uma ameaça à viabilidade populacional de muitas espécies (Machado *et al.*, 2006), mas também pode manter-se através do que Diegues (2004) chama de etnoconservação. Para o manejo sustentável, é necessária a compreensão dos fatores que direcionam essa demanda, crucial para prever efeitos de condições socioeconômicas (e.x. reprodução

cultural e segurança alimentar) sobre o consumo (East *et al.*, 2005). Portanto, precisa-se investigar sobre a dinâmica, a caracterização deste fenômeno e os motivos de sua persistência para subsidiar possíveis intervenções neste cenário sem desconsiderar especificidades dos grupos sociais envolvidos, tampouco a vulnerabilidade dos animais silvestres.

OBJETIVOS

Buscou-se descrever a dinâmica de comercialização de animais silvestres em uma feira popular de Feira de Santana, desde os indícios sobre o contexto de origem do recurso até as determinações do consumo final, tendo em vista identificar as conexões e desconexões que se processam nas interações sociais e entre seres humanos e animais neste reticulado.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa teve caráter eminentemente qualitativo (Poupart *et al.*, 2008) e interdisciplinar. Realizou-se observação continuada em uma feira popular na cidade de Feira de Santana, BA, entre 30/03 e 25/05 de 2009. Entrevistas livres acompanharam as observações, dando-lhes caráter de entrevista etnográfica (Beaud & Weber, 2007). Os dados obtidos foram submetidos à análise conexiva/tipológica progressivamente contextualizada proposta por Marques & Guerreiro, 2007.

RESULTADOS

Considera - se, neste trabalho, como instância focal o local onde ocorreram as observações em um sistema aberto de eventos transformativos desde o *input* ao *output*, incluindo múltiplos atores e contextos (Marques & Guerreiro, 2007); do campo ou cativeiro à cidade, da caça ou zootecnia ao consumo final. Os indícios são de que parte significativa dos animais é oriunda de conexões cinegéticas em localidades chamadas de “pés - de - serra” no semiárido baiano ou por conexões etnozootécnicas. Na instância focal, a comercialização de animais silvestres (n=33 etnoespécies) foi persistente mesmo com recrudescimento da fiscalização que limita esta atividade. A procura desses produtos pelos consumidores foi constante à época das observações, embora se relate a diminuição em um período histórico maior. Trata - se, na maioria dos casos, de homens aparentemente pobres e sem instrução formal. A conexão econômica é um elemento mediador das comutações que se processam no transcorrer da comercialização na instância focal, a partir da qual múltiplas conexões se processam, a depender do produto e da intencionalidade dos sujeitos: mística, médica ou indumentária; ou uma nova conexão econômica ou simplesmente, e de forma mais clara, conexões tróficas, não tendo sido identificadas conexões do tipo ergonômica e lúdica, identificadas outrora por Marques & Guerreiro (2007) em interações pessoas / répteis. Essa caracterização das interações pessoas / animais traz à tona discussões sobre a constituição biocultural da espécie humana (Schutkowski, 2006), tendo em vista alguns aspectos observados, tais como: traços territorialistas (devido à permanência e frequência no local da venda); o recorte de gênero do público consumidor majoritariamente masculino podendo ser justificado evolutiva e/ou socialmente; e, a persistência da dinâmica que demonstra tanto os aspectos que corroboram a hipótese da biofilia (Kellert & Wilson, 1993) quanto da tradicionalidade dos sujeitos inseridos na cena além dos determinantes econômicos (East *et al.*, ., 2005). Conhecimentos, crenças e emoções mediam e emergem a cada um dos eventos transformativos estabelecidos naquele reticulado, assim como foi identificado por Marques & Guerreiro (2007). São fatores que apontam para o reforço ou repulsa do consumo de animais silvestres e possivelmente envolve aproximações ou afastamento de uma perspectiva etnoconservacionista.

CONCLUSÃO

A abordagem desenvolvida permitiu verificar fatores determinantes e elementos de mediação da comercialização de animais silvestres, persistente devido, provavelmente, a questões bioculturais. Mas ressalta - se o fato de ser uma estratégia de sobrevivência de diversas pessoas. Logo, faz - se importante a implantação de políticas de manejo sustentável destes animais para que não sofram ameaça de extinção nas áreas de origem, o que também garantiria a segurança alimentar daqueles que usam este recurso.

REFERÊNCIAS

BEAUD, S.; WEBER, F. O trabalho de pesquisa. In: BEAUD, S.; WEBER, F. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes, 2007. DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: HUCITEC, 2004. EAST, T.; KÜMPEL, N.; MILNER - GULLAND, E. J.; ROWCLIFFE, J. M. Determinants of urban bushmeat consumption in Río Muni, Equatorial Guinea. *Biological conservation*, v. 126, 2005. Disponível em: www.iccs.org.uk/papers/East2005BiolCons.pdf. Acesso em: 27 jul 2008. KELLERT, S.R.; WILSON, E. O. *The biophilia hypothesis*. Washington: Island Press, 1993. MACHADO, M.; CADEMARTORI, C. V.; BARROS, R. C. Extinções em massa e a crise atual da biodiversidade: lições do tempo profundo. *Diálogo*. Canoas, n. 9, jul - dez 2006. MARQUES, J. G. W. *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. São Paulo: NUPAUB - USP, 2001. MARQUES, J. G. W. “Tudo que Boca come”: notícias de sabor & saber em uma Ecologia Humana das comidas de rua. In: MELO, J. M. (Org.). *Mídia, ecologia e sociedade*. São Paulo: INTERCOM, 2008. MARQUES, J. G. W.; GUERREIRO, W. Répteis em uma feira nordestina (Feira de Santana, Bahia). Contextualização progressiva e análise conexivo - tipológica. *Sittentibus Série Ciências Biológicas*, Feira de Santana, UEFS, v. 7, n. 3, 2007. ODUM, E. P. O ecossistema. In: ODUM, E. P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1985. POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. *A pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. SCHUTKOWSKI, H. *Human ecology*. Biocultural adaptations in human communities. Berlin: Springer - Verlag, 2006.